

## Medos, ansios e preocupações de enfermeiros na pandemia da Covid-19

Fears, anxieties and concerns of nurses in the Covid-19 pandemic

Temores, deseos y preocupaciones de las enfermeras en la pandemia de Covid-19

Juana Maria Fraga Larrosa<sup>1</sup>, Ariane da Cruz Guedes<sup>1</sup>, Roberta Antunes Machado<sup>2</sup>, Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha<sup>3</sup>, Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento<sup>3</sup>, Nadja Regina Sousa Magalhães<sup>4</sup>.

### RESUMO

**Objetivo:** Conhecer os medos, os ansios e as preocupações das enfermeiras(os) assistencialistas nos primeiros meses de pandemia e como elas(es) se sentiam na linha de frente no combate a Covid-19. **Métodos:** Trata-se de um recorte da pesquisa qualitativa de caráter autobiográfica visa mapear a realidade vivenciada por esses profissionais em todo território nacional. Participaram da pesquisa 76 enfermeiras(os). A coleta das informações ocorreu entre maio e julho de 2020. **Resultados:** Grande parte dos relatos trouxeram que o maior receio das(os) enfermeiras(os) da linha de frente estavam relacionados a contaminação de si e de entes queridos. Com a sobrecarga de trabalho, e a diminuição do número de profissionais, o processo de assistência e de cuidado enfraqueceu. Nesse viés, atuar na linha de frente em uma pandemia como a da Covid-19, causou uma diversidade de sentimentos e emoções. A insegurança e o medo, evidenciado por condições de trabalho desfavoráveis, foram desencadeadores da elevação da incidência de síndrome de burnout. **Conclusão:** O desgaste sofrido por eles enfatiza que para que a qualidade da assistência seja preservada, manter a saúde mental os recursos humanos e físicos nas instituições são aliados, pois deve ser levado em consideração que são pessoas que cuidam de pessoas.

**Palavras-chave:** COVID-19, Saúde mental, Enfermeiras e enfermeiros.

### ABSTRACT

**Objective:** To know the fears, anxieties and concerns of nurses in the first months of the pandemic and how they felt on the front line in the fight against Covid-19. **Methods:** This is a part of the qualitative research of an autobiographical nature that aims to map the reality experienced by these professionals throughout the national territory. 76 nurses participated in the research. Data collection took place between May and July 2020. **Results:** Most of the reports showed that the greatest fear of front-line nurses was related to contamination of themselves and loved ones. With the work overload and the decrease in the number of professionals, the assistance and care process weakened. In this bias, acting on the front lines in a pandemic like Covid-19, caused a diversity of feelings and emotions. Insecurity and fear, evidenced by unfavorable working conditions, were triggers for the increase in the incidence of burnout syndrome. **Conclusion:** The wear and tear suffered by them emphasizes that in order for the quality of care to be preserved, maintaining mental health, human and physical resources in institutions are allies, as it must be taken into account that they are people who take care of people.

**Keywords:** COVID-19, Mental health, Nurses.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas – RS.

<sup>2</sup> Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), Rio Grande – RS.

<sup>3</sup> Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís – MA.

<sup>4</sup> Instituto Federal do Paraná (IFPR), Irati – PR.

## RESUMEN

**Objetivo:** Conocer los miedos, angustias y preocupaciones de las enfermeras en los primeros meses de la pandemia y cómo se sintieron en primera línea en la lucha contra el Covid-19. **Métodos:** Se trata de una investigación cualitativa de carácter autobiográfico que pretende mapear la realidad vivida por estos profesionales a lo largo del territorio nacional. 76 enfermeros participaron de la investigación. La recolección de datos ocurrió entre mayo y julio de 2020. **Resultados:** la mayoría de los informes mostraron que el mayor temor de las enfermeras de primera línea estaba relacionado con la contaminación de ellos mismos y de sus seres queridos. Con la sobrecarga de trabajo y la disminución del número de profesionales, el proceso asistencial se debilitó. Así, actuar en primera línea en una pandemia como la del Covid-19, provocó una diversidad de sentimientos y emociones. La inseguridad y el miedo, evidenciados por condiciones laborales desfavorables, fueron los responsables del aumento de la incidencia del síndrome de burnout. **Conclusión:** El desgaste sufrido por los mismos enfatiza que para que se conserve la calidad de la atención, el mantenimiento de la salud mental, los recursos humanos y físicos en las instituciones son aliados, pues se debe tener en cuenta que son personas que cuidan a personas.

**Palabras clave:** COVID-19, Salud mental, Enfermeras y enfermeros.

---

## INTRODUÇÃO

Desde o início da pandemia da Covid-19 (corona vírus disease), a saúde mental dos profissionais de saúde da linha de frente, em especial os da enfermagem que já se mostrava impactada, o que acabou evidenciando aquilo que já era uma realidade na pré-pandemia. A falta de reconhecimento social e laboral, abusos morais, somado a jornadas exaustivas, a baixa remuneração e inclusive a falta de recursos materiais e humanos, colocou a enfermagem em uma situação de vulnerabilidade frente a manutenção da própria saúde mental e física (JUNQUEIRA MAB, 2018).

Segundo o COFEN, 2021, durante a pandemia mais de 700 profissionais enfermeiros perderam a vida, os que permaneceram viram seus colegas se contaminando e indo a óbito, conseqüentemente, às jornadas de trabalho se tornaram exaustivas afetando negativamente a saúde física e mental das profissionais (MIRANDA FMD, et al, 2020). Dessa forma, trabalhar com as inseguranças e incertezas trazidas por esse cenário, gerou aos trabalhadores medos e anseios, que se não forem cuidados tem a potencialidade de afetar negativamente a saúde mental e física desses profissionais. O medo de se contaminar e ser mais uma vítima da Covid -19 ou ser um potencial transmissor desse vírus para sua rede familiar, especialmente pela falta de EPI (Equipamento de proteção individual) e de recursos para tratamento de um vírus que pouco se conhecia, impactou significativamente a saúde da enfermagem (ALVES NS, 2021).

Durante as epidemias, estima-se que o número de pessoas que apresentam prejuízos na sua saúde mental como: ansiedade, depressão, estresse, insônia, corresponda ao dobro de pessoas contaminadas pelo patógeno que originou a pandemia, neste caso, o SARS-CoV-2. Sintomas de sofrimento psíquico e transtornos mentais podem ser acionados pela exposição prolongada a situações de vida que geram medo constante e excessivo, como a pandemia, por exemplo, resultando em uma decadência na saúde mental (MACEDO DL, 2018; ORNELL F, 2020; BRITO AF, et al., 2021).

Neste sentido, esta pesquisa se ocupou em conhecer os medos, os anseios e as preocupações das enfermeiras(os) assistencialistas nos primeiros meses de pandemia e como elas(es) se sentiam sendo enfermeiras(os) na linha de frente no combate a Covid-19, pois, as autoras apostam na escuta e no diálogo das emoções dessas(es) profissionais como uma estratégia potente para se pensar na proteção à saúde mental de quem atuou e segue atuando na linha de frente da pandemia.

## MÉTODOS

Este artigo é um recorte da pesquisa qualitativa de caráter autobiográfica intitulada: “Na linha de frente do cuidado aos doentes e combate à Covid-19: o ser, o fazer e o educar de enfermeiros durante a pandemia no

Brasil”, aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão sob parecer Nº 4.043.700.

O cenário desta pesquisa foram 54 estabelecimentos de saúde, desde atenção primária até a atenção terciária pública e privada, situadas em todas as capitais brasileiras e no Distrito Federal, que tiveram enfermeiros atuando na linha de frente de cuidado aos doentes e ao combate à Covid-19, e visa mapear a realidade vivenciada por esses profissionais em todo território nacional. Participaram da pesquisa 76 enfermeiras(os), sendo todos os Estados contemplados com pelo menos a participação de um profissional. As(os) enfermeiras(os) foram contatadas(os) pelas redes sociais como Facebook, Instagram e WhatsApp, e a partir do conhecimento das(os) trabalhadoras(es), as(os) próprias(os) passaram a informar acerca de outros colegas com as mesmas características.

A coleta das informações ocorreu entre maio e julho de 2020, a partir do acesso do Google Forms. O instrumento de coleta das informações foi um questionário semiestruturado, com dados sociodemográficos e quinze questões abertas utilizando como fonte a narrativa (auto)biográfica. Para a realização deste artigo, partiu-se da seguinte questão: Quais seus maiores medos/anseios ou preocupações neste período de pandemia como enfermeiro (a) assistencialista? Como você se sente, sendo enfermeiro(a) e atuando na linha de frente de combate à Covid-19?

Para facilitar a compreensão das informações, as mesmas foram fielmente descritas, conforme a resposta de cada enfermeira(o). Com vista a manter o anonimato dos/as profissionais, cada participante foi apresentado no texto com o termo “Enf” (referente à profissão), seguida de um número e da sigla do Estado de atuação na pandemia da Covid-19, como por exemplo: Enf. 1 MA (Enfermeira (o) 1 atuante no Maranhão). As informações foram observadas a partir da análise de conteúdo de Bardin L (2011), que tem como propósito a compreensão do significado das falas dos sujeitos para além dos limites daquilo que é descrito. Dentre as técnicas de Análise de Conteúdo, optou-se pela Análise Temática, que busca os núcleos de sentido, os quais constituíram a comunicação e cuja expressão revela algo importante para o objeto estudado.

## RESULTADOS

Desde o início da pandemia o vírus acabou ocasionando muitas perdas, tanto na saúde física, ocasionando um número expressivo de mortes, como na saúde mental da população, que se viu afetada nas suas rotinas mais básicas com o distanciamento social e a quebra em laços que auxiliavam a manutenção da saúde mental (WILLRICH JQ, et al., 2022).

O cenário inicial de atuação na assistência a Covid-19 foi de medo e incertezas, principalmente por se tratar de uma doença pouco conhecida e que teve uma rápida propagação do vírus, sem uma vacina específica capaz de diminuir os riscos de contaminação.

*“Ser enfermeiro em meio a tudo que está acontecendo nos trouxe muitos anseios, preocupações com relação a tudo. Como proceder, como tratar, o que fazer, o que está sendo feito é correto; estou seguro meus colaboradores estão seguros, todos estão sabendo como se proteger, o treinamento foi adequado todos foram treinados, não estamos dando conta de tudo que tem para fazer o plantão parece ser curto para tanta demanda. Admitir, sedar, pronar, coletar exames, rever exames, verificar função renal, glicemia instável, dieta está correta, hemodinâmica não está adequada, inicia com DVA pressão sobe demais, retira droga inicia anti-hipertensivo, glicemia instável instala insulina faz hipoglicemia tira insulina faz glicose meu Deus acho que não vou conseguir”. (Enf. 59, SP)*

Embora alguns protocolos tivessem sido adotados, houve diversas alterações ao longo do período de pandemia, e o vírus continuava de forma desenfreada a contaminar profissionais. O sentimento de medo e desproteção é aumentado pela falta de informação e as mudanças constantes de protocolo (MACEDO JMS, et al., 2021).

No entanto, grande parte dos relatos trouxeram que o maior receio das(os) enfermeiras(os) da linha de frente estavam relacionados ao fato de se contaminarem e serem as(os) responsáveis pela contaminação dos seus entes queridos.

*“Meu maior medo é passar a doença para minha família e paciente, fico bastante estressada. É como se eu estivesse o tempo todo em uma trincheira esperando o inimigo só que não conseguimos ver o inimigo, para mim é como se eu estivesse vivendo uma grande e devastadora guerra”. (Enf. 14, CE).*

*“Adquirir a doença, transmitir para os meus familiares de contato, não ter condições materiais para assistência adequada, não ter apoio profissional”. (Enf. 22, MA)*

*“Diante do cenário mundial e local em que estamos vivendo, sinto-me muito preocupada, com medo de contrair a covid-19. Minha maior preocupação, na verdade, é trazer o vírus para casa e colocar meu filho em perigo. Vivo com medo e muito ansiosa. Cada plantão, há uma preocupação constante e o que me resta é, além de tomar todos os cuidados possíveis à minha segurança, pedir proteção divina”. (Enf. 26, MA).*

O aumento rápido e expressivo de pacientes com agravos em decorrência da contaminação com um vírus que pouco se conhecia, somado ao risco de contaminação e ao medo que isso ocasionava, fez com que os profissionais apresentassem níveis de decadência da saúde mental. Este risco também trouxe o distanciamento familiar, já que levar o vírus para casa se tornava uma possibilidade quase que letal, assim, o meio de proteção psíquica da rede de apoio familiar passou a ser ainda mais distante e contribuiu com o impacto na saúde mental do profissional da linha de frente (LUZ DCR, et al., 2021).

A enfermagem é uma profissão que está familiarizada com a finitude da vida, porém quando se trata de casos tão extremos e em grande número, como durante a pandemia, este fator pode ocasionar maior sobrecarga. Associada a esta sobrecarga estão as dificuldades com recursos humanos e físicos ocorridos, que afetam a assiduidade dos profissionais ocasionada pelo declínio de sua saúde, transformando-se em um ciclo que afeta e sobrecarrega os demais colegas, já que a enfermagem é uma profissão de trabalho coletivo e de continuidade (COSTA EKC, et al., 2019).

Com a sobrecarga de trabalho, e a diminuição do número de profissionais, o processo de assistência e de cuidado enfraqueceu. A demanda foi muito acima do que podia se sustentar, tendo em vista, o cuidado humanizado como preconizado. Com isso, as altas taxas de mortalidade pela Covid-19 também geraram preocupação nas enfermeiras(os), quanto à naturalização em processos de assistência desumanizada. O enfermeiro, gestor de equipes de cuidados, que durante esse período estavam exaustas e não havia viabilidade de olhar o paciente de forma global, os impactos foram sofridos por pacientes e profissionais (FACHIN MG e RAMOS CMV, 2021; LIMA KC, et al., 2022).

*“Medo de perder a minha essência, de ter que “endurecer” emocionalmente para conseguir superar tudo isso. Às vezes é assustador vivenciar tudo isso”. (Enf.33, MT)*

A precariedade de investimentos na área da saúde, cujas verbas estão congeladas desde 2016, pela Emenda Constitucional 95, resultou na desvalorização do Sistema único de Saúde-SUS, com falta de recursos físicos, humanos, insumos básicos e específicos para atender as demandas geradas pela pandemia, o que contribuiu para que as(os) profissionais da linha de frente manifestarem sentimentos de medo e receio frente a precarização do trabalho, que resultou na sobrecarga do mesmo (FUNCIA F, et al., 2022).

*“Temerosa, pois não há EPI's suficientes à disposição, facilitando assim, a contaminação”. (Enf. 40, PI)*

*“Que a doença aumente muito mais, que não tenhamos profissionais saudáveis para ajudar nesse combate, que os hospitais comecem a super saturar e chegar ao extremo de não ter leito nem cadeira se quer para ajudar o doente. Por mais que*

*alguns lugares já estejam acontecendo, ainda não vivenciei tamanho desastre. (Enf. 42, PR)*

*“Atuo na gestão. Portanto, a preocupação é grande no trabalho de assegurar os estoques de EPIs e a relação número de afastamentos com quadro efetivo para tocar o hospital”l. (Enf. 65, SP).*

A exaustão física, emocional e psicológica do profissional de enfermagem não é algo novo nem limitado à pandemia de Covid-19. O trabalho da enfermagem sempre foi exaustivo, com prejuízos à saúde mental e física. Porém, a intensificação ocorrida durante a pandemia acelerou o processo de desenvolvimento de Síndrome de *Burnout*, condição que se apresenta como exaustão psicológica e emocional, cuja(o) profissional não se sente capaz de desempenhar as atividades laborais que lhe são designadas (ALMEIDA SLAC, 2021).

O fator físico permeia o declínio emocional do profissional de enfermagem, visto que estes estão expostos a sobrecarga física, e conseqüentemente, podem apresentar problemas osteomusculares. Com isso, as dificuldades físicas ocasionam sofrimento psíquico e vice-versa. Assim, a questão social durante a pandemia ficou ainda mais evidente com a sobrecarga de trabalho, a falta de EPI's, e também, os baixos salários e pouca valorização dos profissionais da área da saúde (RIBEIRO LM, et al., 2020).

Nesse viés, atuar na linha de frente em uma pandemia como a da Covid-19, causou uma diversidade de sentimentos e emoções das(os) enfermeiras(os). O sentimento de desesperança causado pelas incertezas da pandemia, onde se presenciou a morte de tantos colegas profissionais ficou ainda mais evidente com a falha de gestão do estado, que apresentava discursos e medidas contraditórias e andava na contramão de países que obtiveram bons resultados com medidas de gestão firmes e eficazes contra o vírus (MACHADO MH, et al., 2020).

*“Atuar na linha de frente me causa certa estranheza e me faz refletir se posso ou não lidar com esse acontecimento como algo rotineiro, estar na linha de frente para mim é ter necessidade de buscar conhecimento técnico de uma patologia nova, pouca conhecida, é ter equilíbrio emocional, diante de algo que nos dá medo, saber administrar a ansiedade, a angústia e o medo diante do novo. Zelar pela minha família que está em casa e prestar assistência com ética, responsabilidade e humanização. O cansaço existe, precisamos um do outro e acima de tudo, precisamos de Deus”. (Enf. 14, CE)*

*“Me sinto com um misto de sentimentos, pois existe os anseios de conviver e lidar com uma doença nova e com muitas incertezas. Mas por outro lado, tenho feito uma reflexão sobre o setor saúde e acerca das práticas de enfermagem, sempre visando uma assistência humanizada ao indivíduo e à família, além disso, tenho a esperança de que sairemos fortalecidos desta pandemia”. (Enf. 19, DF)*

Ainda como pode-se ver nas falas dos enfermeiros, há sentimentos positivos por estarem desempenhando um papel tão importante durante um período tão nebuloso. Porém, a escassa valorização do profissional de enfermagem, como o de toda profissão de cuidado, acabou ganhando evidência nesse trágico período. O fato que é evidenciado pela sobrecarga de trabalho, onde muitos assumiram maior carga horária e/ou tarefas em decorrência dos colegas faltantes, que por estarem contaminados ou virem a óbito não foram devidamente substituídos em suas funções, gerando ainda mais frustrações nos profissionais e levando cada vez mais ao declínio de sua saúde mental (KIRBY EEF, et al., 2020).

*“Sinto que estou sendo útil, que através do meu conhecimento e capacitação posso trabalhar da melhor forma possível para auxiliar no combate a pandemia, porém como pessoa, sinto-me fragilizada e amedrontada, principalmente com relação a grande quantidade de colegas da saúde sendo contaminados e até mesmo vindo a óbito”. (Enf. 21, GO)*

*“Para mim é uma benção poder exercer minha profissão, especialmente em um momento como este, porém percebo que não basta somente o meu desejo de prestar uma boa assistência a qualquer paciente, é preciso que seja disponibilizado condições favoráveis para isto, e muitas vezes ou quase sempre, isto não é uma realidade. Há carências em muitas coisas”. (Enf. 26, MA)*

A insegurança e o medo, evidenciado por condições de trabalho desfavoráveis, foram desencadeadores da elevação da incidência de síndrome de *burnout*. Essa síndrome que já era crescente no Brasil nos últimos anos, gera desistência, falta de energia e perda de sentido em relação ao trabalho. A OMS estimou que, antes da pandemia, 78% dos afastamentos na área da saúde foram em decorrência de estresse no ambiente de trabalho (RIBEIRO LM, et al., 2020; OMS, 2019).

A síndrome de *burnout* é multifatorial, evidenciada pela aliança de três fatores. A exaustão emocional que se caracteriza pela falta de energia que pode ter manifestações físicas e psíquicas. A despersonalização, que é onde ocorre a insensibilidade emocional, pode ser vista durante a pandemia com diminuição da qualidade da assistência prestada que esteve aliada a falta de recursos humanos, e a fatídica escolha de que paciente seria passível de investimento ou não pela falta de recursos físicos e humanos. E o último fator envolvido é a falta de envolvimento com o trabalho, onde o trabalhador avalia de forma negativa sua participação no processo de assistência e sente-se incapaz ou deslocado daquele processo (MUROFUSE NT, et al., 2005).

As emoções dos enfermeiros durante a pandemia foram desafiadas, já que estar na linha de frente os colocou em situações de estresse cotidiano. Isso gerou despersonalização e a baixa da satisfação pessoal. Além disso, muitos tiveram que lidar com outros tipos de sofrimento psíquico, como ansiedade, depressão, transtorno de estresse pós-traumático e distúrbios do sono (GALANIS P, et al., 2021).

A associação da diminuição do apoio social e familiar, com aumento do estresse no local de trabalho e a falta de apoio psicológico para os profissionais, foi uma cadeia de movimentos ideais para o abalo psíquico dos profissionais. Portanto, ficou notório que implementar serviços de suporte psicológico para os profissionais de enfermagem pode gerar bons resultados, para que os profissionais consigam ter um espaço seguro, onde possam tratar seus medos e anseios, ampliando a capacidade de resiliência para encarar as situações do cotidiano e ainda em situações endêmicas tenham maior resistência, assim, preservando sua saúde mental e por consequência, melhorando a qualidade da assistência prestada ao sistema de saúde que prestam seus serviços (MESQUITA KL, et al., 2014; MOREIRA AS, et al., 2020).

*“Um mix de sensações, na medida que me sinto lisonjeada em poder participar de um momento desse me sinto amedrontada com a real situação, com os riscos”. (Enf. 39, PI)*

*“A atuação na linha de frente de combate a pandemia tem me provocado diversos sentimentos. Primeiramente me sinto grato em poder estar contribuindo para a sociedade neste momento tão delicado. Outro sentimento que já tinha, mas que agora vem sendo fortalecido é a satisfação profissional, acredito isto se dá pelo fato de a pandemia ser o principal problema atualmente e poder contribuir para atenuar este cenário é muito satisfatório. Entretanto, em algumas vezes sinto medo e insegurança pelo risco de contrair a doença, especialmente quando vejo notícias sobre o elevado número de profissionais de enfermagem que já perderam a vida atuando na linha de frente”. (Enf. 42, PR)*

## CONCLUSÃO

Neste estudo foi possível conhecer as preocupações, alegrias e angústias das profissionais enfermeiras que atuaram na linha de frente na pandemia da Covid-19. As falas que relataram que, o medo de se contaminar e contaminar a sua família, foi um potencializador de angústias e forte impacto negativo na saúde mental desses profissionais. Esse medo foi aumentado pela escassez de informações e de recursos humanos e físicos disponíveis, embora o sentimento de fazer a diferença gere satisfação, o estresse e sobrecarga

quando em excesso tem potencial para ser um precursor da Síndrome de Burnout, responsável pela queda da qualidade da assistência prestada. Orienta-se a realização de estudos que se aprofundem sobre o acompanhamento da saúde mental dos profissionais da enfermagem que atuaram na linha de frente da pandemia. Estudar a saúde mental dos enfermeiros após situações de emergências humanitárias é necessário para pensar em estratégias que possam promover a capacidade de resiliência e recuperação desses profissionais. O desgaste sofrido pelos profissionais de enfermagem enfatiza que para que a qualidade da assistência seja preservada, manter a saúde mental os recursos humanos e físicos nas instituições são aliados, pois deve ser levado em consideração que são pessoas que cuidam de pessoas.

## REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA COSTA SLA, et al. Síndrome de Burnout em profissionais da saúde da linha de frente do Covid-19. *Brazilian Journal of Development*, 2021; 7(7): e66360.
2. ALVES NÁGILA S, et al. Riscos Ocupacionais e seus Agravos aos Profissionais de Enfermagem: Revisão Integrativa da Literatura. *Revista de Casos e Consultoria*, 2021; 12(1): e25687.
3. BRITO ANDERSON F, et al. Disparidades globais na vigilância genômica do SARS-CoV-2. *Medrxiv*, 2021.
4. COFEN. Mortes entre profissionais de Enfermagem por Covid-19 cai 71% em abril. 2021. Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/mortes-entre-profissionais-de-enfermagem-por-covid-19-cai-71-em-abril\\_86775.html](http://www.cofen.gov.br/mortes-entre-profissionais-de-enfermagem-por-covid-19-cai-71-em-abril_86775.html) Acessado em: 20 de agosto de 2022.
5. FACHIN MG, RAMOS CMV. “Óbito também é alta”: a total desumanização das pessoas idosas durante a pandemia de Covid-19. *Inter: revista de direito internacional e direitos humanos da UFRJ*, 2021; 2: e176.
6. FUNCIA F, et al. Análise do financiamento federal do Sistema Único de Saúde para o enfrentamento da Covid-19. *Saúde em Debate*, 2022; 46: e263.
7. GALANIS P, et al. Burnout dos enfermeiros e fatores de risco associados durante a pandemia de Covid-19: uma revisão sistemática e meta-análise. *Revista de enfermagem avançada*, 2021; 77, (8): e3286.
8. JUNQUEIRA MAB, et al. Sintomas depressivos e uso de drogas entre profissionais da equipe de enfermagem. *Escola Anna Nery*, 2018; 22(1).
9. KIRBY EEF, et al. Covid-19 e suas influências psíquicas na percepção da equipe de enfermagem da atenção paliativa oncológica. *Revista Mineira de Enfermagem*, 2021; 25: e1-9.
10. LIMA CRAVEIRO K, et al. Desafios do Enfermeiro na gestão do cuidado da Covid-19 em uma Unidade de Terapia Intensiva Adulto. *Research, Society and Development*, 2022; 11(6): e58211629438.
11. LUZ DAYSE CRP, et al. Burnout e saúde mental em tempos de pandemia de Covid-19: revisão sistemática com metanálise. *Enfermagem (São Paulo)*, 2021; 24(276): e5714.
12. MACEDO DL. A função do medo: saúde mental e produtividade de estudantes universitários. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Centro Universitário Dr Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, 2018; 19p.
13. MACEDO JMS, et al. A covid-19 e o medo que afeta a saúde mental dos profissionais de enfermagem: revisão literária. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, 2021; 4(9): e58.
14. MACHADO MH, et al. Enfermagem em tempos de Covid-19 no Brasil: um olhar da gestão do trabalho. *Enfermagem em Foco*, 2020; 11(1).
15. MESQUITA KL, et al. A visão do enfermeiro/gestor sobre a necessidade de implementar apoio psicológico aos profissionais do serviço de atendimento móvel de urgência, 2014 *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 2014; 4(1).
16. MIRANDA FMD, et al. Condições de trabalho e o impacto na saúde dos profissionais de enfermagem frente a Covid-19. *Cogitare enfermagem*, 2020; 25(1).
17. MOREIRA AS, LUCCA SR. Apoio psicossocial e saúde mental dos profissionais de enfermagem no combate ao Covid-19. *Enfermagem em foco*, 2020; 11(1).
18. ORNELL F, et al. Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. *Debates em Psiquiatria*, 2020; 10(2): e:12-16.
19. RIBEIRO LM, et al. Síndrome de burnout em profissionais de saúde antes e durante a pandemia da Covid-19. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2020; 12(11): e5021.
20. WILLRICH JQ, et al. O (des) governo na pandemia de Covid-19 e as implicações psicossociais: disciplinizações, sujeições e subjetividade. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 2022; 56(1).
21. WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). 2020. Coronavirus disease 2019 (Covid-19) Situation Report–78. 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331719>. Acessado em: 20 de agosto de 2022.